



## Regime de concubinato *O que a ascensão da China significa para um país como a Alemanha\**



FRANK SIEREN

**H**oje a China está utilizando os imperativos do capitalismo global dominado pelo Ocidente para seus próprios objetivos. Assim, o país está atravessando um processo ímpar de ascensão social que o coloca cada vez mais em posição de participar de forma decisiva na definição das regras do jogo no plano internacional, não só no campo econômico como também político e social – regras essas às quais a Alemanha, ainda o país industrial líder na Europa, pode-se furtar cada vez em menor medida.

Transformações que fazem época possuem uma característica desagradável: elas não são percebidas imediatamente como tais. As gigantescas mudanças são como uma tempestade que vem rugindo e nos surpreende em meio a um piquenique. Enquanto os alemães ainda esperneiam, como mostrou o resultado das eleições, a China assume o desafio da globalização. Neste sentido, pelo menos, ela é mais avançada que a Alemanha. Já há alguns anos o Império do Meio não é mais ‘apenas’ a fábrica do mundo onde compramos os nossos sapatos, camisas, telefones celulares, laptops e até navios-contêiner. Mesmo a caracterização como ‘maior mercado em crescimento da economia mundial’ não é suficiente para descrever o novo papel da China em toda sua amplitude. Ele vai muito além das fronteiras do país. Isso porque o governo chinês está usando a concorrência econômica internacional, o coração das sociedades ocidentais, em seu próprio benefício. Nesse processo, ela está até conseguindo distribuir a riqueza mundial de forma mais justa – infelizmente às nossas custas. Essa é a maior surpresa do século XXI que se

\* Publicado em *Internationale Politik – China, China, China*, DGAP, n. 12, p. 36-45, dez. 2005.

inicia – e é um grande dilema, antes para nós do que para os asiáticos. Pois o deslocamento do foco da economia mundial em direção à Ásia, com a China como seu epicentro, faz com que a China esteja cada vez mais em condições de estabelecer as regras que definem o jogo no plano internacional. Isso vale tanto para a economia mundial como também, de forma crescente, para a política. Desde que os europeus partiram com Colombo há cerca de 500 anos para o Novo Mundo e os americanos mais tarde se tornaram, por sua vez, uma potência mundial, esse espaço de poder estava reservado ao Ocidente. Qualquer que fosse o lugar para o qual iam as nações ocidentais, elas dominavam os países conquistados, senão por inteiro então ao menos conseguindo ditar os termos das trocas comerciais, como no caso da China: foram sobretudo os ingleses que obrigaram os chineses a trocar o ópio pela prata. A droga era cultivada na Índia e seu comércio fortalecia a potência colonial britânica na Índia e na China. No transcurso do século XX, entretanto, um número cada vez maior de países reivindicava, com sucesso, o direito à autodeterminação. No dia 1º de janeiro de 1999, os portugueses retiraram-se de seu enclave Macau às portas de Hong Kong, uma colônia da coroa britânica que os ingleses tinham devolvido a Pequim dois anos antes. Com isso, a era colonial chegou a seu fim (salvo algumas poucas exceções de menor relevância).

Como primeiro país entre as antigas colônias, a China começou a decidir seu próprio futuro: como mercado, como local para a produção industrial, como importante ator no sistema monetário internacional, como comprador de minérios e como fator político em organizações internacionais a exemplo das Nações Unidas, OMC ou FMI, o país é hoje um ator global de peso considerável. No tocante a preço, qualidade, rapidez e escala dos bens produzidos na China, o país é atualmente quase invencível como produtor industrial. Nenhum mercado do mundo gera mais consumidores com poder de compra com maior velocidade do que o mercado chinês. A Índia, por exemplo, que possui uma população equivalente e um número dez vezes menor de pessoas com telefone celular, segue a China a dez anos de distância. Com suas reservas em divisas acima de 710 bilhões de dólares, um dos dois maiores credores dos Estados Unidos, já hoje a China decide sobre o destino do dólar e do euro, dependendo para onde ela transferir essas reservas. E uma vez que todo ano a China aufer grandes lucros com seus excedentes de exportação, ela pode se dar ao luxo de levar os preços dos minérios para alturas até agora inimagináveis. Sem alarde, a China tem nos envolvido em uma teia de dependências da qual é cada vez mais difícil fugir. Uma geração não será o suficiente para que possamos nos adaptar às conseqüências dessa surpreendente

ascensão. A magnitude das conseqüências dessa ascensão será maior para o mundo do que o envelhecimento da população nos países industrializados. Assim também o deslocamento da força econômica para a Ásia produzirá mais transformações que o terror islâmico, produto de sociedades tradicionais ou grupos religiosos que não se renovam, nem mesmo sequer têm vontade de mudar. Apesar da violência que exercem, os terroristas não conseguirão dobrar o Ocidente. No final, restará mesmo às suas sociedades de origem apenas a escolha entre adaptar-se aos imperativos da globalização, ou então sucumbir. “Nos últimos quatrocentos anos, os árabes não produziram qualquer invenção digna de menção”, escreve Hans Magnus Enzensberger. “Tudo o que é essencial para o dia-a-dia no Maghreb e no Oriente Próximo, qualquer geladeira, telefone, tomada, chave de fenda, para não falar dos produtos de alta tecnologia, representa para todo árabe com capacidade de raciocinar uma humilhação silenciosa.”<sup>1</sup>

E mesmo para a ameaça de uma catástrofe ambiental em escala mundial é possível vislumbrar soluções no horizonte. Por isso ela teria menos impacto sobre as nossas vidas do que a ascensão de centenas de milhões de consumidores na Ásia.

Tecnologias alternativas ambientalmente corretas encontram-se em fase avançada de desenvolvimento. As tecnologias solar e eólica para a geração de energia – não por último graças às atividades de pesquisa e desenvolvimento na Alemanha – tiveram uma grande evolução. Falta a essas inovações apenas dar o passo para a produção em massa. O tempo, aliás, joga a seu favor. Os preços cada vez mais elevados da energia aumentarão a pressão para o uso dessas tecnologias, mesmo que os produtores das tecnologias tradicionais oponham forte resistência a isso. Por sua vez, serão provavelmente os chineses, por razões de necessidade, os que levarão até o fim a política dos ambientalistas ocidentais, impondo rígidas normas para o meio ambiente. Ao mesmo tempo, não hesitarão em converter a China no país com o maior número de usinas nucleares. Não haverá tempo para debates em torno da ideologia ambiental, assim como, de qualquer forma, nem haverá tempo para eles próprios desenvolverem a tecnologia. Os chineses assumirão a tecnologia de nós, e nós a transferiremos para eles de boa vontade, pois eles nos prometem uma participação no seu mercado em expansão. Esse negócio já funciona há tanto tempo que hoje é possível constatar: nunca antes tanto dinheiro foi in-

1. Hans-Magnus Enzensberger. Der radikale Verlierer (O perdedor radical), *Der Spiegel*, 07.11.2005.

jetado tão rapidamente do Primeiro para o Terceiro Mundo como no caso dos investimentos na China. Desde a abertura do país no fim dos anos 70 já foram mais de 530 bilhões de dólares.

Em resumidas contas, portanto, não será o terrorismo global, nem o envelhecimento das sociedades ocidentais, ou então a ameaça de uma catástrofe ambiental que deverão ocupar o foco de nossas atenções, mas a ascensão da China. Claro que a economia mundial não é nenhum jogo de soma zero; mesmo assim, a ascensão da China significará irrevogavelmente o declínio do Ocidente. A questão não é mais se, mas apenas a velocidade com que acontecerá o nosso declínio. O rumo dos acontecimentos é previsível. Na medida em que as empresas, por razões de economia de custos, transferem sua produção cada vez mais também para a Ásia, diminuem crescentemente nos países ocidentais a receita tributária e os postos de trabalho, enquanto aumenta cada vez mais o número de desempregados que oneram o Estado de Bem-estar Social. Já hoje é óbvio que a China está colocando o mundo de cabeça para baixo.

O Bem e o Mal não estão mais em campos opostos claramente definidos como era o caso na época da Guerra Fria. Ao invés disso, reinam os imperativos econômicos: apenas no ano passado foram investidos 60 bilhões de dólares na China, embora o extenso país não possua um sistema judicial operante e cada vez mais produtos estejam sendo copiados ilegalmente por empresas chinesas. Conforme dados das Nações Unidas, no ano passado a Ásia registrou um aumento de 46% dos investimentos externos. Em 2004, as exportações da China atingiram cerca de 600 bilhões de dólares, um crescimento de 35% em relação ao ano anterior. No corrente ano, serão provavelmente outros 20%: 722 bilhões de dólares será o montante da receita da China, o que significa que pela primeira vez o superávit da balança comercial apenas com os EUA irá superar os 200 bilhões de dólares. No total, o excedente aumentou em surpreendentes 280% para 88 bilhões de dólares. Embora o crescimento econômico na China não esteja distribuído por igual, “mesmo a renda dos mais pobres tem quadruplicado nos últimos 20 anos”, conforme afirma François Bourguignon, economista chefe do Banco Mundial.<sup>2</sup> No ínterim, o país tem uma renda per capita anual de mais de 1.000 dólares. Ainda 25 anos atrás, catástrofes de fome não eram incomuns; hoje elas são quase inexistentes. Bourguignon parte da premissa de que a situação continuará melhorando: “O futuro da China é cor de rosa.” A China está

2. Citação segundo Frankfurter Allgemeine Zeitung, 20.01.2004.

tornando o mundo mais justo. Mas o que está em jogo em todo esse contexto não é propriamente apenas a China: pela primeira vez na história recente, um país poderá ter condições de reverter a tendência a longo prazo da evolução da renda no âmbito global.

Em 1820, a relação do país mais pobre para o país mais rico do mundo em termos da renda per capita era de um para três. Em 1922, essa relação já era de um para 72. Que a ascensão da China possibilitará uma distribuição mais justa da riqueza no mundo nos próximos 50 anos é uma das poucas avaliações compartilhadas pela maioria dos vencedores do Prêmio Nobel de economia.

“A renda per capita em países como a China crescerá mais rapidamente do que nos países mais progressistas”, opina George Akerlof. Seu colega Milton Friedman concorda com ele: “A razão principal para o atual desequilíbrio está na diferença entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento. Essa diferença vai diminuir no âmbito da globalização.” Lawrence Klein compartilha igualmente essa avaliação: “O crescimento na China e na Índia avança de forma tão promissora que já tem possibilitado uma redução da pobreza em escala considerável.” Mesmo Joseph Stiglitz, o ícone dos críticos da globalização, tem certeza em afirmar: “Os chineses terão uma renda maior. Mesmo que o crescimento da China não seja mais tão forte como nos últimos 25 anos, o desequilíbrio entre a China, a UE e os EUA experimentará uma diminuição substancial.”<sup>3</sup>

Paradoxalmente, então, é por causa da ascensão da China que há muito está acontecendo o que os críticos da globalização reivindicam em suas passeatas. A constatação de que está havendo uma redistribuição da riqueza em nível mundial sem os seus protestos será para eles, certamente, um desencanto. Assim, as transformações no mundo devem-se menos à pressão dos críticos do que justamente à dinâmica própria do entrelaçamento econômico global que eles criticam: não são eles, mas os mecanismos da concorrência que estão tornando o mundo mais justo. Dessa forma, a globalização está engolindo seus críticos.

Que tudo isso esteja acontecendo é algo que não entra em nossas cabeças: nossa visão tradicional de Primeiro e Terceiro Mundo é um obstáculo para isso. Conforme essa perspectiva, a combinação chinesa de bilhões de pessoas, corrupção, ditadura e capitalismo deveria ser um barril de pólvora prestes a explodir com uma única faísca. Há 25 anos, pois, o mundo está esperando pe-

3. Handelsblatt, 03.09.2004.

lo colapso do gigante vermelho. Mas o contrário está acontecendo: a China cresce a passos largos, fica cada dia mais forte e, no ínterim, tem-se convertido no fator de estabilidade mais importante na Ásia. Vastas regiões do Terceiro Mundo, principalmente na Ásia, crescerão em breve impulsionadas pela própria força e não precisarão mais de nossa ajuda. Um dos objetivos de desenvolvimento do milênio das Nações Unidas é reduzir para a metade, até 2015, o número de pessoas no mundo que precisam sobreviver com menos de um dólar por dia. Conforme o secretário geral da ONU, Kofi Annan, atingir essa meta é possível “com base no pressuposto de que a China consiga retirar quase toda a sua população dessa categoria – mesmo que na maioria dos países da África a proporção dos pobres continue inalterada.”<sup>4</sup> Esse é o maior desafio para medir a força da China. E a cada dia que passa, os chineses estão mais convencidos de que conseguirão o objetivo. Essa esperança e a sua gradual concretização alimentam uma auto-estima quase sem limites. Qual é a razão do sucesso da China? A lei do grande número não é suficiente para explicar o fenômeno. Também os indianos são numerosos, mesmo assim o país se desenvolve muito mais lentamente. Nem os chineses estão simplesmente seguindo nossos passos no sentido de ir atrás da modernização por trilhas já desbravadas. Os governantes da China, pelo contrário, têm conseguido conduzir o país no transcurso de três gerações para um caminho próprio e estável de desenvolvimento. Assim, o Império do Meio usa o capitalismo maduro de forma inteligente para seus próprios fins.

De forma muito menos descompromissada do que parece, a China está nos envolvendo em uma teia de dependências. Os chineses estão em condições de fazer isso, porque – ao contrário da Alemanha – têm encontrado nas águas tempestuosas da globalização um modelo de negócios que funciona: a China vende participação no mercado em troca de tecnologia e transferência de know-how. O seu quase monopólio como gigantesco mercado em crescimento permite a Pequim ditar as condições de acesso das empresas estrangeiras ao país.

Na China, os responsáveis pelo planejamento econômico inventaram um sistema que poderia ser denominado ‘regime de concubinato’ – uma novidade sem precedentes no mundo: grupos empresariais estrangeiros que concorrem entre si, principalmente ocidentais e japoneses, são obrigados a formar um empreendimento conjunto com um grupo-mãe chinês. Em seguida, eles precisam competir pelas atenções do grupo-mãe – tal qual no passado as

---

4. Discurso de Kofi Annan na Universidade Tsinghua em Pequim, 11.10.2004.

inúmeras concubinas competiam pela atenção do Imperador. Em muitos setores economicamente relevantes como a indústria automobilística, siderúrgica ou a indústria química este sistema é muito comum. Os chineses só têm a ganhar neste jogo. Eles podem escolher o melhor negócio, visto que todos querem entrar no novo mercado. Para as empresas ocidentais, a questão não é mais se os chineses terão acesso à tecnologia, mas apenas quando. Nessas condições favoráveis de partida, a China dispõe até de espaço de manobra suficiente para não ter de apostar tudo em uma única cartada. Os líderes políticos aprenderam com a crise asiática: quem aproveitar as oportunidades da globalização, não deverá esquecer de se proteger contra os riscos. Por esse motivo, os governantes chineses construíram, nos anos 90, uma espécie de moderna muralha de proteção contra os fluxos financeiros globais: a moeda chinesa, o renminbi, não é negociável e está fixamente atrelada a uma cesta de moedas, cuja composição os guardiões da moeda chinesa têm a impertinência de não nos revelar.

Eles podem até dar-se ao luxo de zombar de nós, como fizeram por exemplo no verão passado com a valorização de apenas 2% de sua moeda, o que não teve nenhum impacto econômico, mas mesmo assim resultou em uma redução da pressão americana para a desvalorização do renminbi. Ou será que isso foi por causa do pedido de 49 aviões da Boeing, que se seguiu pouco depois?

## I. A IMPOTÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES INTERNACIONAIS

**A**s bolsas de valores, o sistema bancário e financeiro, assim como também o mercado imobiliário encontram-se ainda fechados em relação aos investidores estrangeiros. O setor bancário é hoje ainda mais fechado do que antes da entrada da China na Organização Mundial de Comércio.

E nenhuma instituição tem mais o poder suficiente para acabar com a teimosia da China.

Além disso, o nível de endividamento do Estado chinês mas também dos consumidores privados é baixo, ao contrário dos Estados Unidos. É como se a China tivesse procurado a assessoria da Attac, a organização que critica a globalização, e agora resistisse ao livre comércio, ao menos na medida em que possa afetar a estabilidade da China. Os lobos da globalização há muito têm rastreado o faro, porém a China permanece inatingível para eles. A Alemanha, pelo contrário, está entregue a essas forças quase sem proteção. Tudo indica que a Grande Coalizão não poderá alterar muito quanto a esse aspecto.

Nem é bom confiar na esperança de que a China tropece sobre seus próprios pés. Não é que a China não tenha problemas. Justamente seu maior potencial também é sua maior perdição – a enorme população. A construção de um sistema social capaz de proporcionar pelo menos padrões mínimos em termos de alimentação, saúde e educação para 1,3 bilhão de pessoas significa um enorme desafio para a capacidade da China.

Diante da magnitude das tarefas, porém, não devemos esquecer que do ponto de vista político e financeiro é sempre mais fácil construir um sistema de bem-estar social em um país onde antes não existia nenhum, mais ainda em um país com um alto índice de rentabilidade e um crescimento de mais de 8% ao ano. As expectativas da população são mais baixas, de antemão, e o espaço de manobra financeiro é maior do que em um país como a Alemanha, onde as expectativas em relação ao sistema de bem-estar social são altas, diante de uma receita cada vez menor.

Mesmo assim, a luta pela distribuição dos recursos escassos na China é travada com uma dureza tal que no seu transcurso os direitos humanos são regularmente pisoteados. Quem mais sofre com isso é a população rural que representa dois terços dos habitantes do país. Raramente passa-se um mês sem que se registre a morte de trabalhadores nas minas de carvão por falta de segurança no escoramento dos túneis subterrâneos. Apenas no ano passado foram seiscentos. Mesmo nas cidades, é grande a probabilidade de as pessoas verem desrespeitados seus direitos de cidadania quando entram em conflito com a lei. A perseguição aos dissidentes políticos continua inalterada. É bem possível que na China ambos os elementos irão coexistir de forma permanente – estabilidade macroeconômica e caos social, crescimento econômico e corrupção, ditadura e liberdade. Muitos argumentam com ceticismo que o avanço da China é visto de forma extremamente exagerada. A evolução na China, segundo eles, mostrará um comportamento semelhante ao da bolha da internet, onde ao crescimento acelerado seguiu-se o colapso total. Claro que ninguém pode excluir isso totalmente, mas tomando como base os fatores conhecidos, essa comparação não é aplicável. Pois – diferentemente da maioria das empresas da internet – a China dispõe (como já descrito acima) de um modelo de negócios bem-sucedido: ela vende participações no mercado contra transferência de tecnologia e know-how. Sempre que executivos ocidentais negociam com empresários chineses, a questão em última instância é essa. E, por via de regra, são os chineses que mais lucram com isso.

Eles têm condições de jogar os grupos internacionais uns contra os outros, por disporem eles próprios do maior potencial de crescimento. Além

disso, a China – diferentemente das empresas da internet – não acumula dívidas com a promessa de reduzi-las em troca de lucros futuros. Observadores céticos, por sua vez, poderão argumentar que também o Japão – um país muito mais rico – acabou decepcionando todas as expectativas. Nos anos 70 e 80 parecia que o Japão poderia ofuscar os Estados Unidos. Em 1989, porém, eles perderam o fôlego e o país caiu na estagnação. Mas esta comparação tampouco se aplica à China. O Japão tentou vencer sozinho contra o resto do mundo; durante muito tempo o mercado japonês permaneceu fechado para os investidores estrangeiros. Sempre que possível, o Japão desenvolvia e fabricava seus produtos por conta própria, conseguindo eficiência e qualidade surpreendentes – até que o sistema começou a exceder os recursos do país.

A China, porém, persegue uma estratégia que lembra as artes marciais asiáticas: ela aproveita as energias dos grupos multinacionais para seus próprios fins, acessando o know-how que eles detêm. Como fator adicional, a China provavelmente terá uma fase de expansão econômica mais longa que o Japão. Demorou cerca de 30 anos até que o país com 126 milhões de habitantes atingisse um dos padrões de vida mais altos do mundo. A população da China é aproximadamente dez vezes maior. Se tomarmos como premissa que o desenvolvimento acontecerá duas vezes mais rápido, visto que os chineses utilizam o know-how dos estrangeiros, mesmo assim estaríamos falando de uma fase de crescimento elevado de 5 vezes 30 anos. O resultado, se não houver nenhum imprevisto, é de 150 anos de crescimento.

Esse deslocamento quase irrefreável do peso econômico e político para a Ásia demonstra claramente que a Alemanha não se encontra, por assim dizer, em uma crise conjuntural capaz de ser superada com um pouco de ânimo e bom humor. Não, para não ficar para trás nesse desenrolar dos acontecimentos é preciso recuperar um bocado. Entre outras coisas, não deveríamos refletir apenas sobre como integrar os estrangeiros na Alemanha, embora nesse âmbito ainda exista muito por fazer. Ao mesmo tempo e com não menos intensidade, deveríamos pensar sobre como nós, como alemães, e melhor ainda como europeus, poderíamos nos integrar com maior força no mundo. Isso significa primeiramente aceitar que o mundo se transformou e não pensar que podemos nos dar ao luxo de atuar fora das regras mundiais do jogo. Isso significa também que precisamos começar a avaliar a nossa importância de forma mais realista. Ao difundir com grande cerimônia os princípios da democracia ao redor do mundo, não deveríamos esquecer que o objetivo dessa evolução pode ser apenas um: *One man, one vote* – o voto universal no mun-

do todo. Com seu 1,3 bilhão de habitantes, a China teria a maioria simples no parlamento mundial; a Ásia com seus cerca de 3,8 bilhões de habitantes, a maioria absoluta, seguida da América do Norte e do Sul com 870 milhões e a Europa com 780 milhões de habitantes.

## 2. O QUE A ALTA ARISTOCRACIA EUROPÉIA JÁ TEVE DE APRENDER

**A**s comparações sempre têm seus defeitos. Assim também a seguinte. Mesmo assim, ela é bem apropriada para descrever a nossa posição no mundo, pelo simples fato de guardar alguma similaridade com a situação da aristocracia européia na virada para o século XX. Os aristocratas simplesmente não conseguiam imaginar que cidadãos comuns pudessem chegar a ocupar cargos políticos de peso ou outras posições de liderança importantes na sociedade. Alguns aristocratas precisaram do século todo para habituar-se ao fato de apenas revistas de celebridades como a *Gala* ainda interessar-se por eles. No final de seu declínio, eles viram-se obrigados a admitir que a luta contra esse tipo de evoluções é inútil. Hoje nós, os habitantes dos países industrializados, somos a aristocracia do mundo. E quanto mais rápido nos adaptarmos ao fato de que a nossa posição está se relativizando, tanto melhor. Nessas circunstâncias, precisaremos encontrar um nicho de mercado. Tomara que a esse respeito sejamos mais criativos que a alta aristocracia européia.

Existem muitos exemplos para a perda de poder da Alemanha. Gostaria de descrever mais detalhadamente um caso em que a China fez jogo duro e ganhou em todas as instâncias. Trata-se da queda do fabricante de aviões Fairchild Dornier, de Oberpfaffenhofen, que não conseguiu resistir ao novo poder chinês.

O que tinha acontecido? A China precisará de cerca de 9.000 aviões nos próximos 20 anos. Eles têm um valor aproximado de cerca de 180 bilhões de dólares. Claro que o governo chinês não quer apenas comprar esses aviões (apoiando assim a economia de outros países), mas que eles gerem empregos no próprio país. A China tem 200 milhões de desempregados. Seus dirigentes não podem se dar ao luxo de mostrar consideração pelos cerca de 5 milhões de desempregados alemães. A Fairchild já tinha entregado à China 19 aviões regionais com capacidade para 32 passageiros, que deixaram os chineses tão satisfeitos que eles fizeram um pedido firme de outros 21 aparelhos. Mas os aviões prontos não receberam licença de importação. Zeng Peiyan, então presidente da poderosa comissão estatal de planejamento e desenvolvimento e atualmente vice-primeiro ministro, comunicou aos alemães que a

Fairchild Dornier teria permissão de fornecer outros aviões à China unicamente se estivesse disposta, em contrapartida, a compartilhar suas tecnologias com a China e a desenvolver um avião regional próprio juntamente com a indústria aeronáutica estatal chinesa.

A Fairchild Dornier precisava do mercado chinês e deu o braço a torcer. Então começaram as negociações sobre um empreendimento conjunto. Enquanto isso, o tempo passava e as aeronaves prontas permaneciam, sem pagamento, no pátio. Como resultado dos altos custos de desenvolvimento para o novo avião, a Fairchild Dornier encontrava-se em situação financeira difícil, dependendo urgentemente da receita de uma série de aeronaves já construídas para a Hainan Airlines. Quando os chineses perceberam que a cada mês que se passava a situação financeira dos alemães piorava, eles cancelaram as negociações totalmente de surpresa – uma semana antes da visita do chanceler alemão, que pretendia viajar para a China em novembro de 2001, entre outras coisas, para assinar o contrato. Os chineses esperavam com razão que seriam capazes de conseguir a tecnologia alemã a um preço muito mais barato se os alemães se vissem obrigados a anunciar a insolvência. Essa jogada friamente calculada inicialmente deu certo, uma vez que os banqueiros ocidentais do fabricante de aviões retiraram-lhe o apoio. Nenhum banco está mais disposto a bancar alguém que tenha se dado mal com os donos do mercado do futuro. Uns cinco meses depois, no primeiro semestre de 2002, a Fairchild Dornier viu-se obrigada a declarar a insolvência.

Os responsáveis pela indústria aeronáutica chinesa inicialmente ficaram satisfeitos. Sua estratégia tinha funcionado. Pouco tempo depois, entretanto, tiveram que constatar que, mesmo com a compra a custo quase zero da tecnologia Fairchild-Dornier, resultaria excessivamente caro e possivelmente também complicado demais construir o avião sozinhos. Eles então desistiram do projeto.

Foi aí que um abutre chinês lançou-se sobre a empresa. O grupo misto D'long – uma empresa de Shanghai sem qualquer experiência na construção de aeronaves – assumiu a baixo custo as partes mais interessantes da empresa, visando uma nova tentativa no âmbito da engenharia aeronáutica sino-alemã. A esperança perdurou um ano na China. Mas em breve ficou evidente que seria preciso uma empresa financeiramente forte e sobretudo com conhecimento do ramo para continuar o desenvolvimento dos novos aviões altamente complexos até seu amadurecimento industrial.

Isso ia além da capacidade da D'long. Os dirigentes da empresa perceberam a situação a tempo e deixaram de pagar a soma estabelecida. A Fairchild

Dornier entrou em processo de fechamento. A última indústria alemã do setor de construção de aviões comerciais com um avião regional supermoderno com seu desenvolvimento quase pronto, com amplo domínio tecnológico e grande experiência, além de uma equipe altamente qualificada de pessoal deixava de existir. Uma grande perda para a Alemanha, nenhum dano para a China. Ela agora constrói aviões com o fabricante brasileiro Embraer. Isso não é lá muito bonito. Mas também não é propriamente proibido no mundo dos negócios.

O que temos nós, essa é a pergunta crucial, para enfrentar essa poderosa evolução? Ou então, pensando em categorias da estratégia das artes marciais asiáticas: como podemos usar as forças de nosso concorrente em benefício próprio? Os estrategistas do banco de investimentos americano Morgan Stanley apontam um caminho: “O foco do Japão e da Europa não deveria ser mais o crescimento”, opina Andy Xie, analista-chefe para a Ásia. “Eles deveriam concentrar-se na qualidade de vida.”<sup>5</sup> Como é que a Alemanha poderia implementar isso? O que a Alemanha ainda tem para oferecer, se todos os produtos que podem ser fabricados na China, de fato são lá fabricados? Olhemos então para o futuro e imaginemos a geração dos jovens alemães com 50 anos: ela vive em um misto de museu ao ar livre, parque de entretenimento, área de conservação ambiental e resort do tipo Clube Mediterrané. Os chineses e seus vizinhos da Ásia são os melhores clientes da Alemanha, em busca de descanso, nestas idílicas paragens, da agitação de um crescimento que dura mais de três gerações. Eles vêm em tão grande número que a Alemanha pode viver bem disso. Eles anseiam por lugares que não mudam permanentemente, por edifícios antigos, rios limpos e bosques intactos. E isso nós vendemos para eles por um bom preço. Em retrospecto haveremos de nos perguntar: como é que chegamos a isso? O processo de reformas na Alemanha, que tinha começado na virada do milênio, durante muito tempo permaneceu preso em um debate acirrado. Apenas depois de a Alemanha Ocidental ter passado por uma desindustrialização tão radical quanto antes o lado oriental, de o Estado de Bem-estar Social ter entrado em concordata e de ter ficado claro, de uma vez por todas, que automóveis e outras máquinas poderiam ser produzidos tão somente na Ásia, as coisas começaram a melhorar. Os alemães tinham se convencido de que pesquisa e desenvolvimento valiam a pena somente em nichos altamente especializados, o que por um lado dava muito dinheiro mas pelo

---

5. Morgan Stanley Newsletter, 10.07.2004.

outro pouco emprego, e que também as enxutas matrizes alemãs dos grandes grupos empresariais não tinham condições de acabar com o desemprego. Somente então as mentes ficaram livres para a inovação. A ascensão da nova Alemanha começou. Os alemães se concentraram em seus pontos fortes, onde eles são imbatíveis: suas cidades medievais, sua cultura diversificada e sua bela natureza. A *VW-Autostadt*, o parque temático da Volkswagen em Wolfsburg, virou o protótipo de um moderno parque de consumo. Os antigos operários ganham seu sustento em cenários reconstruídos de paisagens urbanas do século passado, que podem ser percorridos com os automóveis correspondentes a cada época. A Nova York dos anos 20, a Alemanha dos 70, o Japão dos 80. E o faz-de-conta de tiroteios com bandidos de Cadillac em Nova York imita tão bem a realidade quanto os 'rachas' com os antigos carros Manta da Opel na Alemanha. Os alemães dedicam-se a essas tarefas com a meticulosidade carregada de auto-apreensão que lhes é própria, colocando-se novamente entre os melhores do mundo.

Seus parques históricos de aventuras vivem com as reservas lotadas durante meses a fio, da mesma maneira que seus aprazíveis bosques e suas cidades históricas. Em 2050, ninguém mais poderia imaginar que alguma vez existiram pessoas que eram a favor da construção de arranha-céus em Munique. De arranha-céus os alemães não precisam mais, pois a Alemanha não tem mais habitantes suficientes para isso. Apenas a pitoresca silhueta de Frankfurt foi preservada. Ela é contemplada por turistas da China, Malásia e Tailândia com o mesmo prazer infantil com que hoje passeamos pelas aldeias antigas da região do Eifel. Comparada com Shanghai, a metrópole de 40 milhões de pessoas, Frankfurt já hoje parece pequenina. A Alemanha então será sinônimo de: museus industriais na região do Ruhr com máquinas alemãs que nunca quebram, mas que ninguém mais precisa; e naturalmente a cerveja, a couve com chouriço do *Grünkohl und Pinkel*, a Quinta de Beethoven, a Catedral de Colônia, salsicha e chucrute, os biscoitos de mel e especiarias de Aachen e o bolo natalino de Dresden; e a Alemanha significa também viajar em círculo na região do Emsland com o velho Transrapid. Vivências e aventuras desenhadas à medida, com precisão alemã, para a estressada classe média de Shanghai.

Nos centros urbanos, com a severidade requerida para a conservação do patrimônio histórico e um enorme aparato burocrático, funcionários públicos alemães mantêm vigilância sobre o sítio histórico de Lübeck, o vinho de maçã de Hesse, a Feira Natalina de Nuremberg e sobre qualquer tentativa de mudar o estado original do Rio Reno. À luz dos recentes acontecimentos violentos na França, a alternativa de desenvolvimento descrita acima, com o

monopólio da violência nas mãos firmes do Estado, poderia até parecer comparavelmente inofensiva. “Mesmo que custe um pouco até as pessoas se habituarem a ganhar seu sustento como nativos de uma cultura passada”, dizia o jornal FAZ já um ano atrás, “talvez até mesmo essa seja a nossa última chance.”<sup>6</sup> O futuro já está a caminho. Depois de visitar a Alemanha, jovens chineses costumam falar, não sem entusiasmo, da estreita relação dos alemães com a própria tradição e de seu amor pela precisão. Para os chineses, os alemães já hoje são pitorescos personagens exóticos, zelosos guardiões de seu tradicional estilo de vida, observadores atentos para o detalhe, conservacionistas do patrimônio herdado e das estruturas sociais às quais se apegaram. “Muito bonito”, diz por exemplo Alexander Helsing-Hu, um chinês que viveu 16 anos na Alemanha, com grande acerto, “mas infelizmente um país que não tem pique”.

É bom não esquecer que as avaliações dos chineses estão se impondo com força cada vez maior. Quanto mais tempo esperarmos, quanto mais tempo nos entregarmos à ilusão de que bastam uma mudança de governo, um pouco mais de bom humor para termos a velha Alemanha de volta, tanto menos poderemos decidir qual será a nova Alemanha. Até lá, outras partes do mundo já terão feito sua escolha. E a nós restará apenas seguir atrás. Nesse caso, nós que pertencemos às gerações mais velhas teremos que aceitar que algum dia os nossos netos nos perguntem: Por que vocês não prestaram atenção à ascensão da China? Por que vocês jogaram nosso futuro pelo ralo, ressaltando as fraquezas da China ao invés de desvendar suas fortalezas e decifrar o “Código Chinês”? Precisamos nos preparar para o fato de que, no futuro, só poderemos ter sucesso se aprendermos a jogar conforme as regras do jogo definidas pelos outros. Para realizar essa monumental adaptação, não bastará apenas uma geração.

---

6. Frankfurter Allgemeine Zeitung, 09.07.2004.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ENZENSBERGER, Hans-Magnus. Der radikale Verlierer (O perdedor radical). *Der Spiegel*, 07.11.2005.
- Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 20.01.2004 e 09.07.2004.
- Handelsblatt*, 03.09.2004.
- Morgan Stanley Newsletter*, 10.07.2004.

FRANK SIEREN vive há onze anos em Pequim, onde dirige o escritório chinês do semanário econômico alemão *WirtschaftsWoche*. Ele é autor do bestseller *Der China Code. Wie das boomende Reich der Mitte Deutschland verändert* (O Código Chinês. Como a expansão econômica no Império do Meio está mudando a Alemanha), publicado em fevereiro de 2005 pela editora Econ-Verlag.